

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Carina Domercke Dias

**O TEMPO VÍVIDO DA MEMÓRIA: histórias sobre a formação docente para  
semear o futuro**

Porto Alegre

Dez/2014

Carina Domercke Dias

**O TEMPO VÍVIDO DA MEMÓRIA: histórias sobre a formação docente para  
semear o futuro**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

*Profa. Dra. Miriam Suzéte de Oliveira Rosa*

Porto Alegre

Dez/2014

*Agradeço aos meus pais que ao longo destes anos sempre compreenderão minha ausência física...*

*Ao meu companheiro nesta caminhada pelas palavras e compreensão...*

*A minha orientadora, professora Miriam Suzéte, pelas indicações de leitura e aulas-vivência que abrandam nossos conflitos e, principalmente pelo Respeito e Cuidado dedicado a todos...*

*Aos meus alunos e famílias que compartilham comigo amor e angústias permitindo que todos os anos eu aprenda sobre nós;  
Humanos...*

*Aos meus professores que me ensinaram além dos conteúdos acadêmicos...*

*A todos aqueles que me ensinam a viver minha Gratidão e Carinho!*

## Saber Viver

Não sei... se a vida é curta  
ou longa demais para nós,  
mas, sei que nada  
do que vivemos tem sentido,  
se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:  
o colo que acolhe,  
o braço que envolve,  
a palavra que conforta,  
o silêncio que respeita,  
a alegria que contagia,  
a lágrima que corre,  
o olhar que acaricia,  
o desejo que sacia,  
o amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,  
é o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela não  
seja nem curta, nem longa demais,  
mas que seja intensa, verdadeira,  
pura enquanto ela durar...

(Cora Coralina)

## RESUMO:

As escritas deste trabalho referem-se às experiências de estágio obrigatório docente como elemento transformador da aluna em professora. Através da narrativa autobiográfica busco rememorar cenas de conflitos e violências que integraram a prática pedagógica de estágio e que deixaram sofridas chagas em minha aprendizagem. Assim, com o tempo refletido as dores foram abrandadas e passaram a constituir elementos de transformação na minha atuação como docente. Neste período de reflexão, passei a questionar como nos tornamos professores através da prática docente de estágio, visto que comumente ela nos transforma em estrangeiros do ambiente educacional em que nos inserimos dentro de um curto espaço de tempo, e como tornamos a educação um veículo de formação humana, tanto para educadores, como para educandos. Educar também é construir valores e práticas para o desenvolvimento integral do humano. A partir destes questionamentos passo a dialogar com autores preocupados com a compreensão do Ser Humano multidimensional e complexo, dentre eles, Edgar Morin, Humberto Maturana, Saturnino De La Torre, Maria Cândida Moraes. O estudo tem como base metodológica as concepções construídas pela pesquisa qualitativa e os pressupostos da pesquisa autobiográfica com o qual permito reconsiderar o papel da educação como veículo de condução para o apaziguamento diante de uma cultura bélica que através de ações traz à escola exemplos de diversos níveis de agressividade.

**Palavras-chave:** Formação-humana, Narrativa autobiográfica, Práticas pedagógicas.

## SUMÁRIO

<b>1 PARA INÍCIO DE CONVERSA...</b>	06
<b>2 SOBRE MEUS INCÔMODOS: Ser e Estar no Mundo</b>	08
<b>3 MEMÓRIAS DE VIDA, MEMÓRIAS ESCOLARES: o tempo vivido</b>	14
3.1 MEUS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES	14
3.2 O ENSINO FUNDAMENTAL: lições de amizade e aprendizado	16
3.3 NOVO MILÊNIO, NOVAS DESCOBERTAS E UM NOVO AMOR: a literatura	18
3.4 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE: hora da festa?	21
<b>4 CENÁRIOS DA DOCÊNCIA: o tempo vívido das chagas sofridas</b>	23
4.1 CENÁRIO I: disputas de poder pelo espaço de convivência	25
4.2 CENÁRIO II: uso de tecnologias ou a fuga de Si?	27
4.3 CENÁRIO III: mercantilização do espaço escolar	27
4.4 CENÁRIO IV: violências da escola ou violências na escola?	28
<b>5 AS CHAGAS SOFRIDAS: o tempo perdido</b>	29
5.1 AS CHAGAS DA COMPETIÇÃO	29
5.2 AS CHAGAS DAS TECNOLOGIAS	30
5.3 AS CHAGAS DO COMÉRCIO	33
5.4 AS CHAGAS DA VIOLÊNCIA	34
5.5 AS CHAGAS CURADAS: o tempo refletido?	38
<b>6 DO IMPOSSÍVEL AO PROVÁVEL</b>	40
6.1. RESPEITO À VIDA E A DIGNIDADE DE CADA PESSOA	43
6.2. PRÁTICAS DE NÃO-VIOLÊNCIA	44
6.3. COMPARTILHAR TEMPO E RECURSOS MATERIAIS	44
6.4. DEFESA DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DIVERSIDADE	45
6.5. PROMOVER O CONSUMO RESPONSÁVEL	46
6.6. CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE	46
6.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS, EMBORA TRANSITÓRIAS	47
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	49

## 1 PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Durante meu estágio obrigatório na Educação Infantil sentia que aquele território não me pertencia. Muitas atitudes e falas achava que eram demasiadamente violentas para uma instituição destinada ao ensino de crianças, aliás, creio que Educação não combina com violência.

As aprendizagens que ocorreram ao longo de minha formação docente marcaram minha pele deixando nela chagas traduzidas em angústias e descontentamentos com os rumos da Educação e com minha própria formação.

A partir de minhas vivências pessoais me apropriei das concepções metodológicas construídas pela pesquisa qualitativa e principalmente centradas nos processos de escrita de memoriais formativos voltados à formação inicial de docentes.

Como consequência do vivido no estágio obrigatório repenso sobre as cenas de conflito e violência no decorrer do estágio obrigatório como elementos transformadores do fazer docente.

Ao utilizar a metodologia do memorial formativo como disparador para a construção do conhecimento, busco analisar como através de minha trajetória optei pela docência e por uma Educação apaziguadora que contribuísse para a compreensão de um humano multidimensional repleto de possibilidades.

Deste modo, no primeiro capítulo do trabalho “*Sobre meus incômodos: Ser e Estar no Mundo*” reflito sobre a profunda relação que estabeleço com o mundo e sua atual conjuntura que influenciam o universo da Educação respingando em meu fazer docente.

No segundo capítulo “*Memórias de Vida, memórias escolares: o tempo vivido*” realizo uma reflexão sobre a minha trajetória pessoal e acadêmica transversalizada pela Escola e que me constitui como docente.

No terceiro capítulo “*Cenário da Docência: o tempo vivido das chagas sofridas*” reconto a partir de minhas memórias as cenas do estágio que marcaram minha experiência naquele momento como algo doloroso e que evidenciam a

docência que abdicou de sua presença realizando a reflexão sobre a experiência vívida.

No quarto capítulo "*Do impossível ao provável*" realizo algumas proposições do que poderia ter sido possível diante do conflito e que hoje constituem minha prática como docente mostrando que é possível tornarmos a Educação um veículo de apaziguamento diante de uma cultura bélica que através de exemplos traz às instituições escolares diversos níveis de agressividade.

Com meu estágio obrigatório busco compreender o papel formativo e transformador do ser professor nesta nossa etapa final, pois é a partir dele que decidimos estar ou não na Educação.

Ao me tornar o sujeito de minha pesquisa, a experiência com o memorial formativo revelou-se um encontro e um reconhecimento de meus modos de aprender, saber, ouvir, falar e me constituir como professora.

A escrita deste trabalho requisitou um movimento interno de mudança, ao olhar para trás percebo a professora que me tornei através das chagas sofridas e agora refletidas.



## **2 SOBRE MEUS INCÔMODOS: Ser e Estar no Mundo**

A sociedade moderna legou para as futuras gerações grandes incertezas com o período das Grandes Guerras e dos Estados autoritários, o tempo e a vida ganharam novos sentidos. Segundo o historiador Hobsbawn:

[...] no meio do século passado entramos subitamente em uma fase nova da história, que acarretou no fim da história como a conhecemos nos últimos 10 mil anos, isto é, desde a invenção da agricultura sedentária. Não sabemos para onde estamos indo. (2007, p. 36)

Durante o século XX tivemos inúmeras mortes registradas pelos documentos oficiais da história, provavelmente em decorrência do refinamento do arsenal bélico resultante do desenvolvimento industrial, com isso também países de todos os continentes sofreram impactos em sua alimentação, vestuário, etc... Modos de ser e sentir passaram a ser profundamente alterados com as enxurradas de produtos industrializados e de alto padrão tecnológico para aquele período, assim um novo imperialismo cultural se instalava em meio ao contexto de reorganização mundial com o término da II Guerra Mundial.

Neste sentido, em nossa história humana, gradualmente, o indivíduo foi "coisificado" transformado em matéria consumível e para consumir, as guerras, em maior ou menor escala, se tornaram necessárias aos mercados financeiros, e delas grandes nações se abastecem, deste modo, tudo passou a ser cada vez mais efêmero e passamos a estar na constante busca pelo mais veloz que nos faça perder menos tempo.

A velocidade das informações nos tornou humanos mais impacientes e inquietos, incentivados a consumir padrões de beleza e modos de viver, em consequência, cresceram a violência, a falta de ética, a sexualização da infância - questões estas que se encontram presentes nos desafios das salas de aula e geram incômodos a todos nós educadores.

Assim como nosso planeta pede encarecidamente por mudanças chamando nossa atenção através de catástrofes ecológicas oriundas de nosso desenvolvimento técnico-industrial, a educação solicita um novo olhar para a

formação humana de educadores e educandos, e chama nossa atenção com o problema da violência e a falta de cuidado com o que é humano.

Obviamente, também não é possível esquecer que ao longo do século XX e início do XXI tivemos múltiplas conquistas no campo social e científico, que cada vez mais contribuem para o desenvolvimento humano e sua compreensão de integralidade, porém uma questão tornou-se central - quais são os rumos da educação no contexto atual e global?

A educação consiste em um processo difícil ao estabelecer tensões entre indivíduos com ideias e saberes diferentes, atua como um gerador de conflitos, porém é através dos desequilíbrios que procuramos novas formas de pensar e de nos desenvolvermos - não há como aprender e ensinar sem estabelecer certos incômodos aos educadores e educandos promovendo a ampliação de nossos conhecimentos.

Guareschi expõe que partindo do sentido latino da palavra Educação, ela significa:

[...] o processo de tirar de dentro de uma pessoa, ou levar para fora de uma pessoa, alguma coisa que já está dentro, presente na pessoa. A educação supõe que a pessoa não é uma 'tábula rasa', mas possui potencialidades próprias, que vão sendo atualizadas, colocadas em ação e desenvolvidas através do processo educativo. (1985, p. 70).

A tarefa colocada pela educação apresenta-se como um desafio delicado, visto que pressupõe amor, dedicação, firmeza, paciência, abertura para aprender enquanto se ensina, portanto a educação estabelece processos simultâneos constituindo-se em uma prática que pertence a todas as sociedades e culturas.

A educação também traz em seus diversos discursos representações culturais responsáveis pela manutenção, perpetuação ou transformação de modos de ser, estar e agir, visto que como bem colocou Freire não existe prática educativa neutra.

A educação caberia à tarefa de formar homens e mulheres promovendo a integração das múltiplas esferas do humano levando ao seu autoconhecimento devendo ajudá-lo a descobrir valores e centros de interesses. Potencializando

aptidões, transpondo as barreiras criadas pelos preconceitos e proporcionando o acesso às múltiplas linguagens do conhecimento. A autonomia de pensar rompendo com as práticas educativas direcionadas a subserviência que preparam indivíduos, unicamente, para o trabalho, que privilegia o acúmulo de informações e conhecimentos retirados de livros sem que tenham significados para a vida dos educandos.

Krishnamurti afirma que *a maior necessidade e o problema mais urgente de todo indivíduo é adquirir uma compreensão integral da vida, que o habilite a enfrentar suas contínuas e crescentes complexidades.* (1980, p. 17).

A educação é uma das possibilidades para a formação de homens e mulheres conscientes de seu papel de indivíduo ativo na construção e reformulação da sociedade e suas práticas, todavia, em minha atuação durante o estágio docente para o 7º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia foi o estranhamento de atitudes e palavras em uma instituição de Educação Infantil que marcaram a minha prática.

As cenas aqui relatadas com base em minhas memórias fizeram com que pensasse na educação também como veículo de apaziguamento diante de atitudes agressivas com o Outro.

No decorrer de meu período de estágio obrigatório coexistiram muitas questões dentre as quais, como tornar a educação um veículo de formação humana tanto para educadores, como para educandos visto que, educar também é construir valores e atitudes para o desenvolvimento integral do humano sendo estas contínuas e que envolvem múltiplos sujeitos.

O cuidado entendido como uma escuta sensível também tornou-se uma questão diante das práticas educacionais que transformam educadores e educandos em sujeitos visíveis.

Minhas escritas refletem meus incômodos, meus momentos de desequilíbrio diante das situações conflituosas do Planeta Terra e do Mundo da Educação, pois acredito na estreita relação entre ambos estando todos os seres interligados, microestruturas e macroestruturas coabitam uma a outra e se interinfluenciam no movimento circular de ação e reação.

Na era digital ainda nas escolas presenciamos e repetimos metodologias de ensino centradas na memorização e nas cópias exaustivas, perpetuamos saberes compartimentados em um contexto crescente de dinamização de informações este tipo de educação passou a não corresponder as necessidades reais de jovens, crianças e adultos cada vez mais repletos de dúvidas.

Freire critica ao que ele chamou de "educação bancária", para ele este tipo de educação não estabelece a real aprendizagem, visto que está centrada na narração de conteúdo sem significação para os educandos, os quais são constantemente retalhados com seus saberes separados e arquivados em caixinhas.

Este mesmo autor coloca como alternativa à educação mecanicista ou a que ele denomina de educação bancária, centrada na repetição, narração e memorização, a educação libertadora e problematizadora, na qual se promova a humanização dos educadores e dos educandos e que, se estabeleça a crença do poder criador dos homens. Para Freire os homens se educam entre si, ninguém educa a si mesmo, nas suas relações de diálogo e troca de saberes, assim:

O educador não é apenas quem educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (...) os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1987, p. 78)

O educador que problematiza refaz constantemente sua prática com os educandos, pois cria espaços para que eles exerçam a sua crítica tornando-se investigadores de sua realidade social procurando estar no mundo de maneira ativa em busca da compreensão integral do humano e de sua humanização.

Durante o Curso de Licenciatura em Pedagogia nas observações que antecedem os períodos das mini práticas e do estágio, presenciei os saberes compartimentados e o professor ocupando o seu lugar de poder, no qual ele era o centro do conhecimento cuja tarefa primordial era "encher" os alunos com seus conteúdos expostos em suas narrativas que deveriam ser memorizadas mecanicamente.

Morin (2003, p. 89) defende que:

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto.

Educar não é unicamente transferir conhecimentos, mas promover a apropriação significativa dos saberes produzidos, ao longo da história da humanidade, nos campos político, científico, econômico, cultural é também, saber estabelecer relações entre diferentes áreas, estando preparado para enfrentar incertezas e cegueiras do conhecimento sob a roupagem de paradigmas, pois os saberes são provisórios e passíveis de revisão.

Ao chegar ao final do curso de Licenciatura em Pedagogia, muitas dúvidas passaram a ocupar meus pensamentos, e certa descrença nos rumos da Educação Contemporânea, visto que muito discutimos e na prática poucas ações transformadoras têm ocorrido no interior dos muros escolares.

Lendo e relendo textos e livros, chego novamente aos escritos de Morin e Maturana ambos, comprometidos com a educação e o entendimento do humano obviamente possuem suas distinções - mas acabaram me levando a percorrer um novo pensar sobre as práticas educativas centradas na cultura de paz.

Noletto (2004, p. 21) afirma que *para reduzir riscos, a educação deve utilizar duas vias complementares: a descoberta progressiva do outro e o seu reconhecimento e a participação em projetos comuns (educação para a solidariedade).*

Educar também é transmitir e construir valores que atuem no desenvolvimento do humano e na universalização da cidadania. No momento que temos incutido o sentimento de pertença geramos mobilizações que transpassam os muros da escola e, por isso, educar para a paz e para a compreensão da integralidade e complexidade do humano transformou-se em minha opinião uma necessidade da educação contemporânea.

Ao reavaliar meus percursos pessoais, profissionais e afetivos me questioneei se a educação serviria para produzir a compreensão da integralidade humana e novas formas de construção do conhecimento. Pesquisando e buscando outras fontes de informação cheguei à temática da educação para a paz

que, neste momento, confortou meu coração ao trazer para o amplo universo da educação novas perspectivas do cuidado, responsabilidade e compromisso comigo e com os outros.

Minha escrita para a construção do trabalho de conclusão de curso tomou a direção para a retomada de minha própria caminhada pessoal e profissional através do processo de narrativas de vida.

Ao me tornar o sujeito de minha pesquisa, a experiência com o memorial formativo revelou-se um encontro e um reconhecimento de meus modos de aprender, saber, ouvir, falar e me constituir como professora, olhar para dentro de mim através da escrita foi fundamental na construção deste trabalho.

Educar é conviver, olhar e escutar verdadeiramente a Si e ao Outro tornando-se sujeito das próprias práticas e reflexões. Conhecer através das histórias de vida é aprender como aprendemos e reconhecemos o Si e ao Outro.

### 3 MEMÓRIAS DE VIDA, MEMÓRIAS ESCOLARES: o tempo vivido

Durante a escrita deste pequeno memorial lembrei-me de uma leitura realizada na época em que estudava para ingressar na universidade indecisa pelo curso de História ou Letras lia um livro sobre filosofia da autora Marilena Chauí, a obra chamava-se "Convite a Filosofar" e colocava que *a reflexão significa o movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo*. Nas poucas palavras da autora ficam expressos os objetivos de meu memorial, ou seja, olhar para o meu passado escolar, pessoal e profissional buscando reflexões e respostas para minhas escolhas, que hoje estão vinculadas a escola, local que guardo agradáveis memórias de afeto e companheirismo, mas que atualmente percebo como espaço mercantilizado.

Nesta atividade terapêutica de rememorar o passado, volto a minha infância, adolescência e adultez na escola buscando recriar o tempo vivo das minhas memórias. O relato que se segue é um registro de minhas lembranças individuais.

#### 3.1 MEUS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES

Nasci em 23 de março de 1986, fui criada no Bairro Restinga, localizado na zona sul de Porto Alegre. Comecei a frequentar a escola aos quatro anos de idade cursando o Jardim de Infância e lembro até, hoje, que adorava esse nome, pois o achava muito bonito, embora não gostasse de frequentá-lo e preferisse ficar em casa assistindo desenhos que passavam na televisão durante as manhãs.

Ao ingressar na escola acabava de perder minha avó paterna, com quem morava, e não me agradava ter que sair de casa, mas acabava indo para no intuito de satisfazer o desejo de minha mãe, que lembro antes de sair para o trabalho, dava ordens ao meu pai para que ele não me deixasse em casa porque o melhor era que eu fosse à escola. Às vezes pedia ao meu pai para ficar com ele, pois ele tinha um armazém ao lado de nossa casa e gostava de lhe acompanhar

em sua atividade. Hoje tenho a plena certeza de que minha mãe tinha toda a razão.

No jardim de infância permaneci dois anos até completar a idade certa para ingressar na primeira série, mas foi ali, que fiz grandes amizades especialmente uma amiga com a qual tenho o prazer de conviver até hoje. Do jardim lembro-me dos lanches e, como gostava deste momento, mas não era do lanche em si, pois sempre dava meu lanche para os colegas e não comia nada, nunca gostei de comer pela manhã e minha mãe nunca entendia quando dizia que não queria levar merenda para a escola. O momento era especial sentávamos, inicialmente, três colegas e eu atrás da porta, todas escondidas para conversar assuntos "importantíssimos", contudo com o tempo este número de amigos atrás da porta foi aumentando tanto, que não conseguíamos mais nos esconder e, toda a sala estava atrás da porta durante o recreio, não íamos mais para o pátio brincar e nos divertir com os brinquedos da praça, então, veio o que não esperávamos, a professora Bia proibiu todos de ficarmos atrás da porta, porém quando ela não estava olhando ainda voltávamos a nos reunir atrás daquela porta que, por 20 minutos, parecia algo mágico.

Do Jardim guardo uma lembrança muito especial, o aprendizado da escrita de meu nome, que foi ensinado pela professora Bia, não me recorda de seu rosto, mas guardo o carinho de alguém que sempre se preocupava com o meu silêncio.

Quando terminei o jardim "A" e "B" ingressei numa escola municipal de ensino fundamental no bairro em que morava com meus pais para cursar a 1ª série, quanto nervosismo novamente, iria entrar em um mundo desconhecido repleto de novidades para serem descobertas, mas para minha felicidade continuávamos sendo a mesma turma, agregando alguns colegas novos.

Durante a 1ª série tive muitos problemas, pois não conseguia acompanhar o ritmo de meus colegas, a professora comumente chamava meus pais na escola e reclamava que eu era uma aluna muito quieta e não me expressava "direito", conversava somente com alguns colegas e isso atrapalhava meu aprendizado, na época meus pais eram constantemente questionados se nossa família possuía problemas.



Naquele período, não havia superado a falta que sentia de minha avó, queria compartilhar com ela todas as novidades comumente sonhava com ela e a desenhava. Meus pais sempre foram amorosos, mas morar no mesmo ambiente com eles e minha irmã mais velha era fora do comum estava acostumada a somente visitá-los aos finais de semana. Com algumas dificuldades de aprendizagem completei a 1ª série e iniciei o segundo ano do fundamental.

### 3.2 O ENSINO FUNDAMENTAL: lições de amizade e aprendizado

Com as dificuldades passadas pela primeira série, ingressei na segunda série e foi este ano que marcou minha vida escolar, pois foi com o contato amigo com a professora Beatriz, que comecei a me interessar pelo aprendizado por curiosidade quando estava no primeiro ano morria de medo desta professora, mas foi ela quem me ampliou o universo das letras e dos números, e me trouxe a alegria de estar na escola. Foi a professora da segunda série que me apresentou o maravilhoso mundo das histórias infantis que me permitiram abrir as portas e as asas de minha imaginação.

Neste período, não posso me esquecer de citar o nome de meu pai José Mauro, pois em casa era ele quem me incentiva a praticar a leitura e que toda a semana me levava às bancas de revistas para comprar gibis da Turma da Mônica, Disney, Homem-Aranha, histórias em quadrinhos que lia e me divertia.

Aos nove anos foi meu pai que me lançou o primeiro desafio de ler um livro "grande" e inteiro, lembro-me do livro até hoje, era "O Noviço", de Martins Pena, uma história cômica que ironizava a família brasileira do século XIX.

Ao terminar a leitura sentia que era vitoriosa, e mais ainda por poder "discutir" elementos da obra com meu pai, após vencer este desafio muitos outros surgiram e, gradualmente, os gibis foram substituídos por Literatura.

Após a segunda série do ensino fundamental, os anos seguintes transcorreram bem na escola, mantinha sempre boas notas e criei o gosto e o prazer pelo estudo, depois da escola chegava em casa e ficava estudando ou

lendo livros de literatura que pegava na biblioteca com meu cartão de empréstimos.

Em função disso, muitas professoras me pediam para ajudar os colegas que tinham dificuldades com os conteúdos, mas a biblioteca era minha paixão, li todos os livros infantis e de literatura infantil e depois quando passei para a sexta série comecei a ler os de literatura brasileira e estrangeira, que a partir daquele ano foram liberados por causa de minha idade.

Alguns fatos durante o Ensino Fundamental marcaram minha memória. Lembro-me que ficava frequentemente doente quando era criança, mas certa vez fiquei em casa dois meses sem ir à escola porque havia adoecido e não podia entrar em contato com outras pessoas.

Na época cursava a quinta série e uma colega, todos os dias, depois das aulas, caminhava até minha casa e me levava os seus cadernos e as atividades que os professores solicitavam em seus gestos foi uma grande companheira, pois o fato de não poder ir a escola me aborrecia.

Ainda me lembro de que na terceira série ganhei um prêmio por ter feito a melhor redação sobre o dia da árvore. Fiquei muito orgulhosa e corri para a casa, queria muito mostrar aos meus pais a redação com estrela colorida e carimbo da professora Jane, minha mãe que, na época, gostava de implicar comigo, porque ela sabia que eu acreditava em tudo, ficou fazendo piada dizendo que alguém havia escrito o texto em meu lugar e colocado o meu nome, neste dia, fiquei aborrecida, mas ainda me lembro da estrela colorida com carimbo da professora.

Muitos aprendizados foram proporcionados pela escola, muitas amizades foram construídas e muitos caminhos diferentes foram percorridos. Todos aqueles que compartilharam momentos de sua vida comigo deixaram marcas na minha aprendizagem e na minha forma pessoal de perceber e compreender o mundo, cada indivíduo percorreu a sua jornada e deixou lembranças de afeto.

Professores marcaram minha trajetória escolar principalmente a sua dedicação à docência que mesmo diante das adversidades fizeram em suas atividades de ensinar o seu melhor, pois dar aula para 30 crianças ou adolescentes não é tarefa simples.

Conclui o Ensino Fundamental no ano de 2000 e lembro-me da empolgação com o "Novo Milênio", que furor com as profecias de Nostradamus, saia na mídia muitas notícias em torno do chamado Apocalipse e em todas as hipóteses possíveis acreditava ser melhor estar preparada para um possível fim dos tempos.

No final do ano 2000, todos os colegas da oitava série juntamente com os professores partiram em um ônibus para um dia no parque aquático, nunca havia me divertido tanto na vida e todos deixaram para trás os desentendimentos e competições da infância para nos despedirmos, infelizmente, no dia seguinte, iria sofrer as consequências de não ter passado o filtro solar que minha mãe tanto me recomendou antes de sair de casa novamente ela tinha razão e diversas bolhas d'água ardidas surgiram em meu corpo. Passadas as bolhas e sem acabar o mundo ingressei no ano de 2001 no Ensino Médio.

### 3.3 NOVO MILÊNIO, NOVAS DESCOBERTAS E UM NOVO AMOR: a literatura

Ao iniciar o Ensino Médio, em uma nova escola, passei a estudar em uma escola estadual localizada na Avenida João Pessoa. Desta também guardo muitas lembranças boas de aprendizagem, apesar de vivermos em um constante "clima" de vigilância em função do rigor da equipe diretiva da instituição.

Nesta escola, as melhores lembranças que ficaram guardadas em minha memória são dos professores de história e de literatura, aprendi tantas coisas com ambos, pois me ensinaram a ler um livro de verdade com olhar atento e me mostraram que todo o texto escrito que é produzido na literatura ou divulgado pela imprensa possui relações com seu contexto econômico, político, social e cultural, nada é escrito sem intencionalidades.

Com o professor de história, agora colega de profissão, mantive uma relação afetiva, pois gostava muito de suas aulas, embora sempre me exigisse muito, cobrando de minhas condutas e estudos um pouco mais que os outros colegas de aula e, para me ajudar, era ele o professor que entregava para os pais as avaliações de minha turma.

No meu primeiro boletim da nova escola fiquei tremendo de medo e me lembro de que ainda disse para ele: *professor meu pai vem aqui hoje pegar o boletim, vê se pega leve comigo, não fala muito mal de mim para ele, 'tá' bom?* Quando cheguei em casa, para minha surpresa, meu pai me disse que meu professor havia me 'coberto de elogios' e falou que eu era uma de suas melhores alunas novamente fiquei surpresa, pois não esperava os elogios e mais surpresas viriam quando, anos depois, nos encontraríamos novamente como colegas de profissão, ambos professores de história em um curso de formação e, nunca me esqueço de ter visto em seus olhos uma imensa alegria, me dizendo: "então eu fiz um bom trabalho".

Além da história, nesta época me interessei muito pela literatura brasileira em função de uma professora que tínhamos no Ensino Médio e que, para minha felicidade, era a única que lecionava literatura na escola assim durante os três anos de escola as aulas eram com ela, seu amor e paixão pelas letras e pela literatura reavivaram em mim o prazer por este universo. Na época pensava em ser professora de literatura, primeiramente fazer a faculdade de história e depois a de literatura para que uma complementasse a outra e quem sabe, me especializar em história da literatura ou algo que se assemelhasse.

Nesta fase, as únicas coisas que sabia conversar eram assuntos relacionados à literatura brasileira muitos inclusive, se cansavam e me mandavam ficar quieta, pois eles já não aguentavam mais me ouvir.

Durante as aulas de literatura realizei meu primeiro trabalho escrito com um conteúdo mais reflexivo, pois justamente tínhamos que escolher um livro para dissertar e apresentar aos colegas e, para minha apresentação escolhi "Os Sertões", de Euclides da Cunha na aula, apresentei orgulhosamente minhas primeiras reflexões sobre literatura e história. Lembro-me dos sussurros e sinais dos colegas dizendo: "continua falando", pois se não desse tempo todos apresentariam somente na semana seguinte e, como queria continuar falando demorei todo o período da professora para apresentar meu trabalho, ao final sentia que estava satisfeita com o referido trabalho igualmente a professora por ter

percebido meu empenho na apresentação e meus colegas agradecidos pelo demora do relato.

Através da inspiradora professora de literatura, também ingressei no mundo da escrita fazendo os meus primeiros poemas inicialmente, sem nenhuma métrica ou rima expressando somente o que me passava em meus pensamentos depois, poemas mais cuidadosos e elaborados, que lia para amigos perguntando o que achavam sem dizer que eram de minha autoria.

Apesar de ser ótima aluna, durante o ensino médio tive muitas faltas por motivos de saúde, nesta época, voltei a ficar constantemente doente e por causa de consultas médicas faltava bastante a aula, mas também contei com o auxílio e a compreensão de muitos professores que me inspiraram na escolha de minha profissão.

Em 2003 conclui o ensino médio com alegria, pois agora era hora de se preparar para a faculdade. Assim, durante todo o ano de 2004 me preparei para o vestibular e, quantos sentimentos variados coexistem nesta etapa de nossa trajetória escolar: nervosismo, cobranças, medos, inseguranças, em que as provas se aproximam e, ainda, os cuidados médicos que somente fui deixar de ter aos 20 anos. Demorei, mas consegui entender meu transtorno, me tratar e alcançar a minha cura, pois as possibilidades de desenvolver a leucemia tornaram-se grandes e as rotinas de exames cansativas. Meus entendimentos em relação à doença somente foram possíveis a partir do momento que a espiritualidade aflorou em mim. Achei melhor me curar e sentir a Vida.

Durante a adolescência descobri um grande amor pela literatura, foi um período de grandes leituras tais como: Drummond de Andrade, Lygia Telles, Antonio Bivar com sua autobiografia que li e despertou em mim o desejo de viajar pelo mundo com uma mochila nas costas, Érico Verissimo, Mário de Andrade, Pagu, Oswald de Andrade, Balzac, Baudelaire, Jack Kerouac, Rimbaud, entre muitos outros nomes da literatura brasileira e estrangeira que não caberiam aqui, mas que contribuíram com seus escritos na minha formação.

### 3.4 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE: hora da festa?

Em 2005 ingressei na Faculdade de História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e lembro-me, com imensa alegria, de meu pai entrando no portão de casa e dizendo: "nós passamos!" para ele e para mim era uma imensa alegria eu estava ingressando na universidade para fazer o curso que desejava e ele, tinha a sua primeira filha na faculdade, mais comoção ainda seria na formatura. Para quem pensou que a festa começava na faculdade se enganou completamente, muitos livros para ler, artigos para escrever, provas que não acabavam mais, assim começavam as correrias e as agitações dos semestres na universidade.

Na faculdade de História tive experiências maravilhosas de ensino e aprendi que, no processo de ensinar professor e aluno aprendem e se modificam mutuamente, aprendi a ouvir e trocar experiências. As leituras de teorias, contextos sociais, econômicos e culturais contribuíram enormemente para minha formação realmente, descobri um universo novo com o curso de História e percebo que seria completamente diferente se não tivesse realizado esta primeira opção em minha vida.

Muitos conselhos de professores eu guardo e, estes renovam minhas esperanças de que a educação é um caminho possível fazendo-me acreditar que tenho muitas utopias, mas como bem coloca Galeano, em sua poética da realidade, as utopias servem justamente para nos fazer caminhar.

Em 2009 concluí a faculdade de História com muitas experiências adquiridas como aluna e como professora. Durante e após a faculdade inverti os papéis e retornei a escola como docente, voltei à escola com um novo olhar e com novas expectativas, a aluna curiosa tornava-se também a professora curiosa que queria ajudar os seus alunos em todos os sentidos, mas que os seus braços ainda eram muito pequenos para abraçar todos de uma vez. Desejava tornar as minhas uma experiência e não somente a mera transmissão de conteúdos.

Com o ingresso na universidade, na qual me formei em História, ocorreram mudanças significativas em minha vida pessoal e profissional, posso dizer que

conheci a mim mesma, quem sou e o que desejo fazer no mundo durante minha existência.

Minhas experiências espirituais mais profundas, meus processos de aprendizagem e de autoconhecimento ocorreram concomitantes a este ciclo de aprendizagens. Aprendi a ter gratidão por tudo o que me acontece e assim, aprendi a ver os ensinamentos que ganhamos no decorrer de nossas vivências.

Aprendi a amar quem sou e aos outros os respeitando como são em sua real essência, aprendi que todos possuem algo para ensinar, não importando condições econômicas, opções religiosas ou idade, todos possuem conhecimento sobre um determinado assunto, as sabedorias de vidas enriquecem o contato com o outro e se tornam grandes ensinamentos no momento que nos dispomos a ouvir.

Aprendi a amar a vida e, que pintar é uma excelente terapia. Sou feliz por tudo que tenho, pelos amigos e companheiros que conheci e que, mesmo através da distância continuamos próximos e unidos formando uma irmandade no seu sentido mais belo de amor e união entre seres, pois desde cedo aprendi lendo com o "Menino Maluquinho", do escritor Ziraldo, que *o tempo não tem tempo*.

Assim, cheguei ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul repleta de questionamentos sobre a aprendizagem e como nos tornamos humanos, dúvidas que não seriam abordadas tão cedo, fazendo com que eu procurasse outros cursos de formação complementar.

Em minha trajetória escolar e acadêmica conheci homens e mulheres que se tornaram exemplos de ternura e luta que acreditavam e tentavam transformar a educação realizando a crítica e a autocrítica, pois como diz Krishnamurti a verdadeira revolução começa internamente e, todos somos capazes de transformar as nossas vidas e a sociedade.

Nas poéticas palavras de Coralina mencionadas na epígrafe deste trabalho ficam registrados meus objetivos de estar atuando no universo da educação, que é meu próprio coração e a vontade de ensinar e aprender.

#### **4 CENÁRIOS DA DOCÊNCIA: o tempo vívido das chagas sofridas**

Em 2010, ingressei no Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na época empolgada com os estudos, naquele momento não pensava em atuar como professora nos primeiros anos da Educação Básica e com crianças tão pequenas e confesso que não percebia na Educação Infantil alguma possibilidade de atuação. Meu principal objetivo com o curso era realmente, minha própria curiosidade sobre o desenvolvimento do humano em relação com sua aprendizagem.

Foram os estágios não obrigatórios ao longo dos semestres que me possibilitaram conhecer propostas pedagógicas diferenciadas e despertar um ser professor que parecia estar adormecido, pois a Infância nunca havia sido meu centro de interesse.

Com os estágios na Educação Infantil e principalmente, na Educação Especial, fui gradualmente sensibilizada para a formação humana desde as primeiras etapas da infância e compreendendo a unidade complexa que forma o ser humano, bem como a influência desta na aprendizagem e nas formas de relacionamento com o conhecimento.

O estágio de docência obrigatório é um momento singular no curso de Pedagogia, no qual temos uma intensa produção de reflexões sobre o nosso próprio fazer pedagógico e transitamos entre a ensinagem e a aprendizagem. Repleto de desafios coloca a todos que estão em processo de formação as possibilidades do cotidiano da sala de aula neste período realizamos uma completa imersão no universo escolar, muitos saímos decididos a não regressar, enquanto outros, tomam a decisão de permanecer para sempre na escola.

Certamente, ao finalizarmos o período de estágio docente, saímos diferentes daquele sujeito que o iniciou - é um período que nos toca profundamente em nossas emoções, pensares e posicionamentos.

No estágio nos entregamos inteiramente, deixando-o atuar como elemento transformador de nossa aprendizagem, colocando as suas marcas em nosso corpo e nos trazendo a responsabilidade do *ser professor*.



Segundo Abrahão e Rosa (2012, p. 16):

Quando se fala em corpo no processo educacional está se tratando de destacar a importância da redescoberta de um corpo material, da responsabilidade individual e coletiva pelo seu bem-estar e conservação, e da nossa intrínseca participação na co-criação de nossa realidade. O sujeito tem que estar consciente de sua própria corporeidade, aprender a se manter centrado em seu próprio corpo, através do processo de respiração consciente, desenvolvimento do tato, da reeducação da gustação e do olfato, e do aguçar a memória do presente para restaurar a lucidez.

As aprendizagens passam pelo corpo e nele deixam vestígios influenciando modos de interpretar e se posicionar diante do mundo. O estágio docente realizado em instituição de Educação Infantil foi transformador ao colocar suas marcas em meu ser fazendo refletir sobre minhas formas de conhecer o conhecimento e de me posicionar diante dos desafios.

Com o término do estágio docente passei a pensar sobre caminhos possíveis para traçar rumos para a Educação ou ao menos, aquela que acredito que deva buscar em minha atividade diária de *ser professora* e que tenta trazer à prática pedagógica a compreensão da integralidade do ser.

Deste modo através dos conflitos encontrados na escola procuro pensar em mudanças e estratégias que permitam esboçar possibilidades curriculares à Educação e que compreenda o humano como um ser *biológico, psíquico, social, afetivo e racional*. (MORIN, 2000, p.38).

Conforme Moraes e De La Torre (2004, p. 31) é através do conflito que:

Caminhamos da desordem para a ordem a partir de ideias inicialmente meio confusas e desordenadas que vão sendo articuladas e melhor trabalhadas e que aos poucos vão se transformando em algo mais ordenado.

Meu texto nasceu do desequilíbrio e das tensões desencadeadas por cenas escolares que ao longo de todo o estágio de docência foram elementos vivos da dessintonização do humano e de suas múltiplas esferas constitutivos. Pozatti (2012, p. 144) afirma que: *os processos educacionais atuais e as práticas de cuidado também refletem esta dissociação e cada vez mais se afastam do humano integral, voltadas que estão para uma visão de mundo materialista.*

A prática docente deve ter motivações que alimentem o ser professor o instigando a descobrir mais e a provocar os sujeitos da sua "ensinagem". Como professora, tenho como principal meta formar sujeitos integrados e ativos, pois parto da compreensão do humano constituído por várias esferas (social, afetiva, biológica, psicológica, espiritual), que devem contribuir para o pensar independente.

Morin (2000, p. 55) coloca que existe uma unidade humana e uma diversidade humana e uma não deve anular a outra, pois é a unidade que traz os princípios das múltiplas diversidades. *Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade e sua diversidade na unidade* que constroem um todo integrado e complementar formado pelo indivíduo, a espécie e a sociedade.

A grande dificuldade posta é a formação do humano integrado capaz de significar saberes. Atualmente penso que não existe outro caminho possível que não seja a conexão de saberes e que os mesmos sejam significantes para a vida, capazes de transformar crianças, jovens e adultos.

O estágio docente que realizei gerou incômodos, perturbações e culpabilizações, todavia considero que os processos educativos devem promover desequilíbrios aos educadores e educandos promovendo a ampliação, aliada à reflexão do conhecimento e o amadurecimento do indivíduo, esta é uma de minhas intenções.

Através de cenários busco recompor o tempo vívido de minhas memórias na época de meu estágio curricular obrigatório estabelecendo novos diálogos com aquelas imagens que me deixaram fraturas e mal-estares diante do silenciado, deste modo, estabelecendo novos significados em meu processo de formação busco tornar o silêncio em experiência.

#### 4.1 CENÁRIO I: disputas de poder pelo espaço de convivência

No decorrer da prática de estágio docente obrigatório, na turma de Jardim B, em instituição de Educação Infantil, percebi que os momentos de brincar eram extremamente valorizados pelas educadoras da escola chegando a causar

estranhamento às intervenções das estagiárias de Pedagogia nas brincadeiras das crianças.

As turmas da instituição, comumente, passavam por longos momentos livres, no qual o brincar e o jogar eram defendidos como o momento de ser criança, todavia passei a identificar que muitos alunos após um longo período de brincadeiras passavam a entrar em conflitos com os colegas em função de disputas por brinquedos.

O brincar cumpria duas funções, a primeira de dar um momento de "descanso" para as professoras titulares e a segunda de distrair as crianças, deste modo, o brincar não estava relacionado ao desenvolvimento humano e a promoção da saúde através dos relacionamentos grupais e do exercício da simbolização, mas a banalização do tempo da criança.

No período que estive vinculada à instituição levei ao grupo brincadeiras e atividades dirigidas para os "momentos livres" que ocorriam na primeira parte da manhã, porém passaram a ser interrompidas pelas titulares da turma com a frase *vamos para o pátio?*

Em outros momentos as atividades relacionadas ao projeto do grupo também foram cessadas com a mesma frase *vamos para o pátio* assim, passado algum tempo, ao contestar as consecutivas interrupções colocando que a turma ficava em dúvida com qual professora deveria atender obtive das professoras titulares a seguinte resposta: *o estágio é teu, mas quem manda na turma sou eu, escreve o que tu quiseres no papel para tua orientadora, no papel pode tudo!*

O fator determinante, colocado em questão é a situação criada diante de uma clara disputa de poder posta às crianças e que se estabelece entre suas professoras e estagiária de docência, visto que a turma sentia-se perdida ao não ter a certeza de a quem deveria "prestar obediência", mas que caminho poderia trilhar para solucionar tal conflito de modo apaziguador?

#### 4.2 CENÁRIO II: uso de tecnologias ou a fuga de Si?

Durante meu estágio curricular obrigatório certo dia, uma menina no pátio da escola perguntou a professora se após utilizar o *Facebook* poderia dar atenção a ela, pois necessitava conversar. A professora simplesmente balançou a cabeça e disse *vai brincar*, a menina ainda reivindicando a atenção desejada encerrou a conversa colocando: *depois que tu usa o 'face' pode me dar uma atençãozinha?*

No período de observações que antecede o estágio docente com frequência as professoras em meio à rodinha que iniciava as manhãs deixavam os celulares ligados e os atendiam em frente ao grupo de educandos. Repetidas vezes a turma ficava no aguardo de sua professora, curiosamente, os alunos exercitavam todo o seu respeito ficando em silêncio enquanto a professora conversava e aproveitavam para solicitar o silêncio para a professora colocando: *Shiu! A prof.<sup>a</sup> tá falando no celular dela.*

#### 4.3 CENÁRIO III: mercantilização do espaço escolar

Em meu primeiro dia de estágio, logo me ofereceram dois livros de produtos cosméticos me explicando as regras do comércio na escola, quando e como poderia pagar. O comércio seguiu e durante os meses de estágio as professoras saíam da sala para realizar suas cobranças e entregas.

Semanalmente próximo à instituição, parava um caminhão para vender pão com o preço mais baixo do que nas redes de mercado. Muitas professoras deixavam suas turmas para ir até o local combinado comprar o pão, demorando um tempo considerável de afastamento e abandono das turmas que ficavam com estagiárias ou com professoras que não queriam comprar o produto.

Para arrematar as cenas de vendas, uma vez por mês, passava na escola uma vendedora de lingerie, pijamas e camisolas, as quais eram dispostas sobre as mesas em frente aos alunos que principalmente, os meninos achavam a cena muito engraçada e davam disfarçadas risadas.

#### 4.4 CENÁRIO IV: violências da escola ou na escola?

Durante meu período de estágio pude presenciar a violência escolar ocorrendo em vários níveis através de falas, gestos e atitudes que quase chegaram ao embate físico em virtude de mágoas de um passado vivo na lembrança das docentes titulares da turma na qual realizei meu estágio, em certa ocasião, uma das professoras da turma que estagiava colocou que os tempos para ela estavam difíceis e que pedia desculpas por ficar tão distante do cotidiano da sala, dos projetos e aprendizagens da turma, mas que se sentia sugada por sua colega, da qual guardava ressentimentos da época em que eram colegas da graduação em Pedagogia e mesmo, nos dias atuais, compartilhando a docência não conseguiam se entender e, o trabalho acabava sendo prejudicado.

Em outra ocasião, no dia do brinquedo, uma das crianças atingiu uma das professoras com uma bolinha de borracha que trouxe de casa, o fato foi suficiente para que ela pegasse a criança pelos braços e sentasse em uma cadeira de forma violenta. Ao defender o menino colocando que ele havia acertado sem intenção a resposta que tive também foi violenta e colocou que era um menino sem educação que merecia castigo e que estava se fazendo de vítima.

Ao relatar o fato para a coordenação da instituição, novamente a resposta que obtive foi que teria interpretado mal a situação, posteriormente descobriria que a mesma enfrentou um processo judicial de pais de alunos da escola por agressão, no qual a criança foi exposta e tida como mentirosa.

Uma das falas mais recorrentes que ouvi das professoras foi *aqui não é a tua casa* ou *nos não somos como tua gente*, principalmente, com crianças que possuíam uma renda econômica familiar mais baixa em relação ao conjunto geral do grupo de alunos que compunham a turma exemplificando a violência que pode ser imposta pela palavra.

## 5 AS CHAGAS SOFRIDAS: o tempo perdido

O período que transcorreu meu estágio obrigatório passou por minha pele, movimentou minhas estruturas do corpo físico e energético atuando como um desarticulador de meu pensamento. Quando encerrei minha prática docente parecia ter poucas expectativas com a Educação e com o mundo tendo em vista sua atual conjuntura. Passei por um período de descrédito e não desisti do curso de Pedagogia por estar em sua finalização, mas estava decepcionada, primeiramente, comigo e depois com a Pedagogia.

Com o término do estágio as feridas ficaram abertas e o sentimento de castração permanecia, passado algum tempo, gradualmente, a Educação me foi reencantando, meus alunos da escola em que trabalho foram fundamentais juntamente, com as leituras realizadas, pois ao afinal tive que recuperar minhas utopias guardadas no horizonte e que me faziam caminhar.

### 5.1 AS CHAGAS DA COMPETIÇÃO

Em muitos momentos de meu estágio fui atravessada pelas falas das professoras da turma em que realizei meu estágio estava em um período de grande insegurança, pois ocupava um lugar que não me pertencia e que em pouco tempo iria abandonar então, me questionava *para que vou criar conflitos? Ou como vou sair destes embaraços de modo sereno?*

As alternativas pensadas eram poucas, por isso, decidi que deveria falar pessoalmente com as educadoras do grupo. Afinal, éramos todas educadoras, mulheres e responsáveis pelas nossas ações, todavia não encontrei a flexibilidade esperada de um ambiente educacional e tão pouco a aceitação do outro para dialogar sobre a resolução do conflito.

Maturana (1998, p. 69) afirma que:

As relações humanas que não se baseiam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência não são relações sociais. As relações de trabalho não são relações sociais. O mesmo ocorre com as relações hierárquicas, pois estas se fundam na negação

mútua implícita, na exigência de obediência e de concessão de poder trazem consigo. O poder surge com a obediência, e a obediência constitui o poder como relação de negação mútua.

Gradualmente percebi que estava diante da disputa de um espaço de poder que não desejava, pois acredito que o espaço educativo é um local de compartilhamento e de trocas de saberes e experiências e não, de hierarquias de comando da sala de aula, todavia no desenrolar das situações vividas o ocorrido foi a rixa pelo carinho e atenção das crianças juntamente com seus familiares.

O exercício da docência exige que sejamos inteiros e ao nos entregarmos aos jogos de manipulação pela manutenção do poder doamos somente uma parte de nosso ser, nossos alunos percebem as intrigas, confusões, atravessamentos visto que, nossos objetivos, compromissos são abandonados ao darmos lugar a partes de nosso emocional e psicológico mais mesquinhos e de negação ao outro.

Segundo Mosquera et. al. o professor é, antes de tudo um ser humano inconcluso, porém nessa humana condição:

[...] ele pode desenvolver consciência dessa sua incompletude e, por isso, também um processo de educação de si com maior ou menor grau de qualidade em razão do desenvolvimento do sentimento que tem de si mesmo em seu projeto existencial, que inclui a dimensão da docência. Trata-se, pois, de uma docência que se realiza também para consigo mesmo. (MOSQUERA; STOBÁUS; TIMM, 2009, p. 48)

Educar é aventurar-se pela vida trilhando caminhos, muitas vezes, desconhecidos, pois enquanto humanos estamos em processo de desenvolvimento, nenhum de nós torna-se professor sozinho é preciso o Outro que compartilha, igualmente, o espaço educativo de formação.

No processo educativo vivemos em sintonia com as ambiguidades e incompletudes próprias e do Outro, o que exige respeito e aproximação com aqueles parceiros: alunos, familiares, docentes, equipes diretivas que nos transformam em professor. Em minha jornada, a educação me transforma em um humano melhor.

## 5.2 AS CHAGAS DAS TECNOLOGIAS

É de comum acordo entre diversas instituições educativas o uso indiscriminado de aparelhos celulares pelos membros da equipe escolar, incluindo professores, durante o seu turno de trabalho. O discurso corrente é que sua proibição seria incoerente com o atual sistema democrático que vivenciamos na sociedade contemporânea, porém o seu uso gera "abusos" da tecnologia levando muitos educadores a deixar de estar presente em sala.

O fato agrava-se quando pensamos em crianças pequenas que necessitam de um adulto para suas atividades básicas e que possivelmente, na escola podem estar diante de situações de total abandono, visto que todos os seres humanos precisam do cuidado, carinho, afeto, olhar e escuta para se desenvolver com saúde física, psíquica e emocional, segundo Maturana (1998, p. 22) *o amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência.*

Distante de ser um fato isolado desta instituição de ensino, o uso de redes sociais no ambiente escolar tornou-se generalizado entre os educadores que utilizam os mais variados aparelhos eletrônicos para tornarem-se distantes de suas atividades de trabalho, pois desculpas para a "fuga" não faltam e todos nós as conhecemos desvalorização do profissional, baixa remuneração, longa jornada de trabalho, excesso de afazeres, etc.

Ao longo de sua jornada, o educador busca na sala de aula momentos de escape, nos quais utiliza redes sociais ou telefone para conversar com amigos e familiares, assim desabafa entre as crianças em um gesto que parece pedir ajuda e que sinaliza a falta de Cuidado de Si.

A velocidade das informações dessintoniza humano para humano, a ordem das informações com sua praticidade e velocidade acaba por paralisar nossas relações, assim adicionamos nas redes sociais milhares de amigos, mas conhecemos verdadeiramente muito poucos, nossas relações tornam-se cada vez mais superficiais e fáceis de serem desfeitas - criamos um novo vício tecnológico - a necessidade de estarmos vinte horas conectadas por redes que nos desligam enquanto isso, nossos alunos pedem uma '*atençãozinha*'.



Mosquera et. al. coloca que:

São novas as exigências que a sociedade tem para seus professores, assim como também são novas as que os professores têm para com a sociedade em geral. São olhares e dizeres que se reclamam, porque são novas as demandas desses tempos que também são novos. A velocidade e a urgência dos acontecimentos exigem novos saberes e novas atitudes, respostas e responsabilidades dos professores. (MOSQUERA; STOBÄUS; TIMM, 2009, p. 51)

A contemporaneidade impõe um tempo de simultaneidades e efemeridades e chegamos ao ponto de não termos mais tempo para doar a nos mesmos, nos tornamos sozinhos no mar de multidões virtuais e cada vez mais vamos desconectando nosso ser, aquele ser complexo, entrelaçado pela cultura e pelo biológico esquecemos a natureza espiritual de nosso ser, mas para exercitar a condição existencial de ser professor é preciso resgatar a conexão com o ser inteiro - não há possibilidades de ensinar ser humano se eu não o sou e este só é gerado pelo cuidado, escuta e olhar.

Maturana (1988, p.23) afirma que:

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. [...] O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é o fundamento do social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. [...] o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. (MATURANA, 1998, p. 23)

Provavelmente, ao presenciar as cenas aqui lembradas pela minha memória, e por isto, uma visão particular do ocorrido, tenha sido também ausente, não coloquei minha presença dando possibilidades àqueles que não estavam sendo vistos e escutados por suas educadoras. Poderia ter dado a eles um gesto de atenção e carinho, no qual a rede social não fosse o mais importante, mas o olhar através dos olhos reais de seres que convivem e estabelecem relações sociais, afetivas, educativas.

### 5.3 AS CHAGAS DO COMÉRCIO

O espaço escolar, ao longo dos anos, tornou-se local de livre comércio onde são oferecidos, barganhados e pechinchados, uma grande variedade de produtos dos gêneros de beleza, alimentício e vestuário com preços e formas de pagamento sempre negociáveis.

A mercantilização do espaço escolar também atua como elemento revelador sobre a falta de comprometimento com tal ambiente e indivíduos que o vivenciam, novamente, permite que os educadores façam qualquer outro tipo de atividade que os desliguem do universo escolar e o coloquem em um estado de fazer docente automático na execução de suas tarefas.

Krishnamurti (1989, 32) afirma sobre o respeito ao outro:

O mestre que exige respeito dos seus discípulos e quase nenhum respeito demonstra para com eles, provoca-lhes o despeito e a indiferença. Quando não se considera a vida humana, o saber só pode levar à destruição e ao sofrimento. O cultivo do respeito para com os outros é parte essencial da educação correta, mas, se o próprio educador carece dessa qualidade, não pode conduzir os seus discípulos a uma vida integrada.

O exercício da docência é de grande responsabilidade para com aquele que está diante de nós, muitos alunos acabam adotando a figura do professor como um exemplo a ser seguido. Provavelmente quem trabalha com Educação Infantil deve ter ouvido, em algum momento, dos familiares de seus alunos *prof. como ele gosta de te imitar* ou que seu aluno corrigiu o pai e a mãe porque a professora disse que não pode fazer daquele modo. São evidências de que educamos através do exemplo e aquele que, está diante de nós, muitas vezes, tem grande disposição para aprender e nos ouvir, nossos movimentos e ações são acompanhados por todos e lhes servem de inspiração.

Ao nos entregarmos ao comércio diante de nossos alunos desde cedo mostramos que o que move a vida são as relações comerciais e o desrespeitamos enquanto indivíduo e a aquisição de bens de consumo torna-se o principal objetivo diante daqueles que nos aguardam. Tristemente a educação vem se

transformando em uma negociata de métodos educativos, tecnologias avançadas e, humanos padronizados prontos para produzir e serem produzidos.

Através deste modelo, no qual o ser é tratado com indiferença em prol de uma rede de comércio estabelecida no ambiente escolar não estaríamos educando para a inteireza, mas para uma pequenina parcela da vida humana ligada exclusivamente ao comércio.

A complexidade de cada indivíduo continuará posta de lado, pois desde cedo terá percebido como funciona o mundo do mercado e dos negócios e que deve estar preparado para o embate, neste sentido estamos educando e dando exemplos ao educandos do mundo do trabalho.

A vida e as aprendizagens é um eterno fluir, ações e reações coexistem de modo complementar, sujeito e sociedade são modelados um pelo outro. As experiências pessoais são sempre fundamentais na construção de nossa visão particular de realidade.

Durante os processos educativos que desencadeamos no papel de professor comprometido com a ensinagem permanecem as perguntas: Que sujeito eu estou ajudando a formar? Que modelo de sociedade e de relações humanas eu estou fornecendo? E quais seriam os outros caminhos?

#### 5.4 AS CHAGAS DA VIOLÊNCIA

A violência desde os primórdios da humanidade foi instituída como recurso de conquista do ambiente e do Outro, atualmente, a mídia traz a violência como instrumento no estabelecimento de padrões éticos e estéticos em novelas, filmes, seriados, desenhos e propagandas são utilizados como meio de conquista da audiência logo, os personagens mais famosos e lembrados são os vilões e suas formas de violência contra o outro.

No âmbito escolar a violência tornou-se um dos principais recursos educativos das instituições de ensino, seu uso é generalizado e coíbe alunos e professores sob as mais diversas formas de repressão.

Segundo Schilling (2004, p. 35):

Há violências diversas implicando atores (sujeitos) diversos e acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional, simbólica). A exigir respostas diferentes. De diferentes dimensões - macro e micro -, que se relacionam entre si de maneiras peculiares. Em todos os casos, há agressores específicos e há vítimas.

O corpo, a fala, o olhar e a escuta foram constantemente disciplinados através do reconhecimento da autoridade, ora na figura do professor, ora na figura do diretor. O medo da punição tornou-se cada vez mais presente entre adultos, adolescentes e crianças, pois nos desenvolvemos com a ameaça do castigo imposto pela desobediência as normas instituídas e buscamos escassamente o conflito com as autoridades para manter nosso local de conforto.

Segundo Fazenda e Souza (2012, p. 112):

Se cuidar pode ser traduzido como um ato saudável (cremos nós), então que o façamos na integração das dimensões advindas da inteireza dos nossos desejos como docentes que experimentam diferentes demandas dos alunos, da própria escola ou dos pares que compõem o corpo de professores.

O cuidar compõe a dimensão do educar incluindo as relações entre pares de professores, pares de alunos e alunos com seus professores, estas surgem do contato, do respeito e da confiança estabelecida. O momento que escutava esta professora foi extremamente significativo, pois ao encerrar a sua fala expressou todo o seu medo e insatisfação ao afirmar que se sentia sugada por sua parceira e achava que, às vezes sua colega poderia lhe agredir. Ainda, expressando que não sabia se desejava continuar a desenvolver o seu trabalho na educação, mas que após tantos anos poderia ser tarde para mudar o caminho. Ainda, os mesmos autores, afirmam que:

Quando a felicidade se aproxima do ato de educar, sentimo-nos sob o olhar de acolhimento de uma mãe que acalenta seu filho, mas que também permite o florescimento de sua identidade e seu posicionamento como vivente no exercício de humildade, não de subserviência, pois não é possível contabilizarmos os ganhos que obtemos quando vivenciamos as ações de uma educação para a paz. (FAZENDA; DE SOUZA, 2012, p. 112)

A infelicidade de estar no ambiente escolar atravessada pela agressividade de falas e ações entre colegas mostrou-se presente no diálogo com as professoras da turma, assim para elas a escola e a parceira de classe tornaram-se um fardo que ao final do ano poderia ter a possibilidade de se livrar, pois aquele espaço com seus sujeitos não lhes diziam mais respeito. A arte de encontrar o outro e de tornarem-se mutuamente humanos foi esquecida.

A Educação Infantil, em muitas situações, nos traz a possibilidade de compartilhar a docência e a regência de classe estabelecendo parcerias que se estendem por muitos anos, todavia observo que algumas situações geram ciclos viciosos e de comodismo entre educadores que pouco arriscam no estabelecimento de uma parceria diferente daquela que estão acostumados. É um risco que corremos com o novo, mas acredito que a riqueza da docência compartilhada esta na possibilidade de criar inventar formas de ensinar e aprender com o outro podendo dividir alegrias e tristezas e estabelecendo objetivos comuns a serem alcançados com os alunos e entre a parceria no exercício da atividade docente.

Durante o exercício da docência as virtudes mais exercidas e requeridas são paciência e tolerância com o tempo de aprendizagem do outro, Martinelli (1996, p. 38-39) nos diz que:

Estamos todos subordinados ao tempo de maturação das coisas. Nada acontece fora de hora. A paciência brota do amadurecimento do caráter e da clarificação da mente. Dissipamos as névoas da ansiedade à medida que superamos o imediatismo imaturo e egoísta. Paciência não quer dizer lentidão e postura de enfado, preguiça ou desestímulo.

A falta de tolerância restringe o âmbito de oportunidades de aprendizado. Ser tolerante exercita nossa capacidade de amar ao próximo. A compreensão e o respeito por pontos de vista contrários ajudam a sair da prisão do egoísmo vaidoso. É o suporte para combater um dos traços mais característicos do homem fundamentado na animalidade: o desamor.

O desamor a si próprio traduz a falta da capacidade de julgamento pois, não há como equiparar a atitude agressiva de uma criança com a de um adulto que, teria a maturação de suas faculdades psicológicas e emocionais talvez, os

fardos cotidianos tomem conta do adulto que traduz seu cansaço, falta de afeto e compreensão de sua inteireza em um gesto agressivo com a criança. Naquele momento compreendi o gesto da professora como um ato de alguém que pede socorro, pois perdeu a sua conexão interna e pouco compreende de sua criança interior. Os problemas de ordem individual não são simples pelo contrário, ganham proporções complexas, todavia sua compreensão exige paciência e amadurecimento interno das emoções.

Nossos pensamentos são dotados de energia de intenção assim como, nossas palavras, que podem se tornar perigosas e taxativas para crianças, adolescentes ou adultos. A figura do professor exerce e pede reconhecimento de alguém que possui a autoridade de conhecer, suas palavras não cuidadas ao serem emitidas tornam-se imagens estereotipadas que marcam a vida de seus alunos.

Em diversos momentos da vida não refletimos que falas mal intencionadas conotam tanta agressividade como a física, pois colocam o aluno em um lugar de total desamparo, de não pertencimento a instituição escolar fazendo com que ele reproduza no seu cotidiano e vivências a mesma postura bélica e de desvalorização humana.

Von (2003, p. 34) expõe que cultivar a tolerância *é levantar uma fortaleza interna, um escudo protetor que permite ao indivíduo que permaneça íntegro e não se sinta ameaçado nem pelos outros nem pelas circunstâncias*, pois é acreditar na sua capacidade de compreender as divergências.

Romper com as ações violentas nos cenários escolares exige uma postura de não belicosidade das palavras e das atitudes, pois as crianças aprendem com seus modelos a se comportarem nas situações de conflito reproduzindo as cenas de agressividade ou de solidariedade que vivenciam as guardando registradas na memória.

## 5.5 AS CHAGAS CURADAS: O TEMPO REFLETIDO

No papel de educadora acredito que o diálogo é um dos mecanismos que se compatibiliza com a educação humana, visto que a educação é um ato de amor e interação com o outro e, é nesta relação que surge o humano.

Freire (1987, p. 79) coloca que:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação.

O diálogo é fundado em relações horizontais, todavia quando estabelecemos a hierarquia e o poder em nossas palavras ele torna-se inviável diante de sua impossibilidade é necessário a formulação de estratégias para chegar a ele. Na época, a busca da conversa com as professoras da turma me colocava em situação de desvantagem, mas poderia ter lhes abordado de outras maneiras. Atualmente, poderia propor a leitura de uma reflexão, a experiência de uma prática de relaxamento e respiração ou o compartilhamento puro do vivido para que em conjunto buscássemos alternativas para solucionar o conflito posto em sala contribuindo para a autoformação de todas as docentes.

Através do diálogo poderíamos ter um novo desfecho para o conflito, instaurando a reflexão a cerca do respeito procurando conjuntamente alternativas que se tornem pontos de aproximação entre as docentes e não divergência, visto que:

Só o ser humano sente respeito: por si mesmo, pelos outros, pela natureza e pelo sagrado. Quando cultivamos nossas virtudes e procuramos superar nossos defeitos (...) A partir daí procuramos o ponto de contato e não a linha que nos separa. Respeitar a privacidade e a individualidade alheias sem julgamentos impulsivos é reconhecer por trás da forma exterior e das atitudes discutíveis a chama divina que existe em nós. (MARTINELLI, 1996, p. 32-33)

O respeito é um sentimento difícil de ser aprendido necessita de flexibilidade diante das situações problemas e abertura para o diverso, incluindo novas formas de pensar, porém não estamos preparados para uma ação que transforme, principalmente, se estamos imersos em um ambiente que nos engessa, tal como a escola, que historicamente vem auxiliando a constituir humanos fragmentados e que refletem seus conflitos de modo diluído e não em nível planetário, conforme Morin (2000, p. 14) *os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário.*

Educar também é transmitir e construir valores que atuem no desenvolvimento do humano e na universalização da cidadania, pois a partir do momento que temos inculcido o sentimento de pertença geramos mobilizações que transpassam os muros da escola e por isso, educar para a paz e a compreensão da integralidade e complexidade do humano torna-se uma necessidade da educação contemporânea.

Ao me questionar se o estágio transformou-se em minha trajetória docente e discente em um tempo perdido, no qual unicamente cumpri uma função para obter a almejada aprovação, acredito agora que não, pois tenho a certeza que aquele tempo transmutou em reflexão que me transformaram em uma educadora comprometida a formação integral do ser.



## 6 DO IMPOSSÍVEL AO PROVÁVEL

Escrever o memorial que compõe este trabalho proporcionou um pequeno resgate pessoal das memórias de minha trajetória escolar e familiar. A oportunidade destes registros durante a execução de meu trabalho de conclusão desencadeou lembranças esquecidas que me ajudaram a compreender as escolhas que realizei e perceber que ao cuidarmos do Outro também devemos nos cuidar e deixar ser cuidado.

Buogo e Castro (2013, p. 434) dizem que:

A narrativa exerce papel importante na prática dos cuidados, uma vez que o discurso oral ou escrito é essencial na aproximação tanto daquele que é cuidado quanto no do cuidador. Por isso, no processo de cuidar, é fundamental o conhecimento de si mesmo e do Outro, a fim de que o indivíduo possa cuidar e deixar cuidar.

A rememoração dos fatos vivenciados foi uma atividade prazerosa e difícil. Ao visitar minhas lembranças elas tornaram-se vívidas e desencadearam processos de cura das antigas cicatrizes esquecidas ao longo da vida.

Na realização desta escrita pude perceber a importância deste ato e o quanto é necessária a permissão para reorganizarmos estes dados dando a eles novos significados. Minhas lembranças e reflexões sobre o passado se desdobraram e criaram novos significados, assim novas imagens mentais estão sendo formuladas e o passado tornou a dialogar com o presente refletindo em minha autoformação humana.

As cenas vividas durante o estágio de docência me levaram a questionar a escola e a educação que desejo construir e participar, pois o atual modelo educacional não corresponde às necessidades da sociedade. Em sua maioria, educandos e educadores sentem que a escola não lhes fala, e vive uma desconexão com as instituições escolares e evidenciamos uma tríade que adoce: escola, alunos e professores.

Todavia, além das denúncias, o que poderia ser feito para transformar este espaço? Penso, enquanto professora em processo de formação, na necessidade

de trazeremos a compreensão da multidimensionalidade do humano ao universo escolar criando territórios de interação e paz.

Moraes e De La Torre (2004, p. 144) enfatizam que:

A paz é um estado de espírito a ser conquistado. Não é uma doação e a ela não se chega por instinto [...] a paz é também um processo dinâmico que exige a participação integral do indivíduo na sua conquista.

Na realidade, a paz é um fenômeno de natureza multidimensional e que exige, para a sua melhor compreensão, uma consciência também ampliada. Implica não apenas a relação do indivíduo consigo mesmo, mas também com os outros, bem como a própria natureza e com o contexto aonde vive. Sua presença em nossas vidas envolve todas as dimensões da natureza humana.

Levar a paz às escolas exige o desencadeamento de processos de autoconhecimento, pois, é ele que irá conseguir manter o equilíbrio diante de situações agressivas transferidas ao Outro e a Si, mas como manter o equilíbrio? Como nos tornamos veículos da paz diante dos conflitos e do sofrimento? Como promovemos a união quando estamos acostumados a compreender somente as partes? Como ensinar que tudo está relacionado e interligado formando uma rede?

Educar para a paz na escola e fora dela tem sido um grande desafio diante da desconexão humana consigo e com a natureza, visto que o modelo de educação atual fragmenta corpo, espírito, cultura e cobra o acúmulo de saberes. Por isso penso na necessidade de alunos e professores se religarem com a sua natureza humana e a Integralidade do Ser.

Na formação do Ser, em sua inteireza, é necessária a integração de corpo, mente, espírito, social e cultural, todavia, isso exige uma mudança paradigmática na formação dos educadores que precisam redescobrir o conhecimento repleto de erros e incertezas, bem como de sua Natureza, pois estamos diante de alunos cada dia mais desafiadores.

As cenas relatadas neste trabalho evidenciaram a carência do Cuidado entre as pessoas e, principalmente, que o educador necessita buscar o sentido de educar buscando em sua autoformação a reflexão e interação entre o indivíduo e

o meio que vive este processo exige a busca de relações com o Outro sendo assim nunca ocorre isoladamente.

Os modelos que vivenciei na escola durante o estágio mostraram a educação que não desejo no futuro. Em nossa cultura ocidental é predominante o pensamento disjuntivo que separa o conhecimento, as pessoas e as suas relações. É visível nas escolas a necessidade de reformar o pensamento e os modelos pedagógicos que seguimos e estamos ajudando a perpetuar.

Ao repensar a Educação percebo que em contraposição às práticas desagregadoras, devemos promover a Inteira do Ser restabelecendo a paz Consigo, com os Outros e com a Natureza, porém a paz não pode ser vivenciada de maneira solitária, ela deve ser partilhada tornando as caminhadas mais leves.

Von (2003, p. 16) afirma que:

Atualmente, a educação enfatiza o corpo, como educação física, e o intelecto, como disciplina mental. Há uma necessidade de restabelecer o contato da consciência, ou do espírito, com a vida emocional, enfatizando a alegria de compartilhar; o amor, no sentido de querer a felicidade de todos; a compaixão de procurar aliviar o sofrimento dos outros e de saber colocar-se nos lugares deles; a equidade, estimulando os sentimentos do bem para todos os seres e não somente para os que convivem conosco.

Mas, como substituir as ações centradas na competição e na agressividade pelas ações que trazem a paz, o amor, a união e a compaixão. Através de minhas experiências profissionais, pessoais e acadêmicas percebo que dissolver hábitos enraizados é uma tarefa árdua, que demanda tempo e trabalho, que nem todos estamos dispostos a doar.

No contexto educacional que vivenciei meu estágio obrigatório cenas de violência e desamparo marcaram minha memória e permaneceram registradas na pele, naquele momento, mantive uma postura que hoje seria possivelmente diferente porque meus próprios padrões corporais e mentais estão em mudança.

Afinal quais seriam estas proposições, saídas, alternativas para gerir o conflito?

O Manifesto 2000 esboçado para traduzir as resoluções das Nações Unidas coloca seis compromissos na construção de um mundo mais justo e harmonioso, que podem ser traduzidos em atitudes éticas e de responsabilidade com a educação para a resolução de conflitos.

### 6.1. RESPEITO À VIDA E A DIGNIDADE DE CADA PESSOA

A Educação é um processo contínuo e permanente que ocorre durante toda a vida devendo, em minha compreensão, auxiliar a pessoa a reconhecer a sua integralidade e a do Outro para isso é necessário respeitar e dignificar cada pessoa mesmo que não concordemos com seus hábitos e atitudes.

Ensinar o respeito é uma tarefa árdua que exige o reconhecimento de nossos próprios preconceitos, limites e barreiras que nos impomos ao longo da vida, além disso, o respeito deve estar aliado às práticas voltadas ao exercício da cidadania.

Em minha sala de aula, na qual recebo a titulação de "regente" de turma realizo constantemente exercícios de respeito através do reconhecimento do Outro. Meus alunos de Educação Infantil ao estarem se descobrindo no mundo questionam valores e condutas que lhes são apresentados e constantemente recorrem ao uso da força física ou agressão verbal na defesa de suas convicções.

Nestes momentos, recorro ao exercício de se colocar no lugar do Outro, pergunto a eles "e se fosse com você?" "Como se sentiria?". Através de suas respostas buscamos conjuntamente o reconhecimento do Outro, por vezes, quando o conflito gerado por algum desrespeito ao colega envolve todo o conjunto da turma realizamos "assembleias", nas quais todos expõem sua opinião por determinado assunto.

Com este exercício de escuta e busca conjunta de soluções para o conflito percebo que gradualmente passo a ouvir em minha sala "isso é desrespeito, né Prof.ª?", mas reconheço que também realizo meu próprio exercício de aprendizagem do respeito ouvindo e direcionando meus alunos para aquilo que

considero o bem comum, assim aprendi e reconheço que criança pequena tem muita opinião para distribuir a quem quiser escutar!

Respeito jamais poderá ser obtido pelo autoritarismo ou desprezo ao humano sua consequência inevitável será a consolidação do medo e da insegurança que através da obediência cristalizará a falsa áurea do respeito que enrijece o corpo e a aprendizagem.

## 6.2. PRÁTICAS DE NÃO-VIOLÊNCIA

A agressividade é necessária à vida humana é ela que nos impulsiona à realização de nossos objetivos e na busca de sonhos, todavia a agressividade que hoje é encorajada está relacionada a competição, assim nos tornamos agressivos porque somos competitivos e esquecemos os pontos positivos da agressividade.

Na escola a agressividade se transforma em resposta ao silêncio ou a indiferença, comumente, em minhas salas de aula as crianças "mais agressivas" são as que sofrem algum tipo de abandono de suas famílias e utilizam a agressão física a outros indivíduos como forma de pedido de atenção para suplantar sua carência afetiva.

Assim, ao invés de dar ênfase à agressão, dou o acolhimento àquele que agrediu e sofreu a agressão, neste sentido, o abraço a ambos se tornou fator fundamental, pois o toque transmite a sensação de proteção, cuidado e segurança tão necessários, ao desenvolvimento saudável do humano.

As práticas de meditação e relaxamento em sala de aula tornaram-se bons exercícios direcionados à não-violência com elas percebo que as crianças desenvolvem maior consciência corporal e de sua energia vital emanando cores e sentindo seu corpo.

## 6.3. COMPARTILHAR TEMPO E RECURSOS MATERIAIS

Ensinar a generosidade e o compartilhamento dos recursos materiais em minha sala tem ocorrido através dos trabalhos de grupo. Certo dia dentro do

projeto que a turma se encontrava, eu levei à turma massa de argila. Expliquei a todos que deveriam decidir conjuntamente como esculpiriam um formigueiro com o material e que nenhum colega poderia ficar excluído das decisões e do trabalho manual.

Fiquei observando se todos estariam preocupados em realizar a inclusão até dos colegas que possuem atritos e percebi que a palavra egoísmo foi a mais mencionada nesta atividade. Muitas das crianças afirmavam que precisavam dividir porque o contrário era egoísmo.

Ao final, a escultura que surgiu foi de fato um formigueiro, mas a maior aprendizagem foi a do compartilhamento e a certeza que "todos trabalharam juntos porque as formigas são muito unidas" (frase de uma das crianças).

Compartilhar tempos e recursos desenvolve a generosidade, a preocupação com o bem estar do Outro e nos torna membros, partes de um grupo que está interligado. Ao nos tornar pertencentes de um espaço nos tornaram responsáveis pelo que semeamos.

#### 6.4. DEFESA DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DIVERSIDADE

Ser livre parte do reconhecimento de nosso ser multidimensional dotado de grandes complexidades. Exercer a liberdade de expressão e o reconhecimento da diversidade cultural pressupõe, em meu entendimento, a reconexão entre o psíquico, o mental, o corporal, o emocional, o cultural.

Em minhas turmas sempre inicio o trabalho com o grupo com uma roda de escuta e conversa, na qual muitos expõem suas singularidades e a partir disso desenvolvo atividades que incluam o reconhecimento da diferença.

A dança e a música tem sido excelentes mecanismos de defesa da liberdade e expressão da diversidade. Percebo que meninos e meninas após se desprenderem de conceitos previamente estabelecidos soltam o corpo tornando-se mais flexíveis ao ritmo da música.

Na prática das danças circulares crianças, adolescentes e adultos cantam e dançam, e de modo lúdico aprendem a se harmonizar com o grupo

reconhecimento limites e possibilidades de seus colegas. Individualmente, tornam-se mais equilibrados ao vivenciarem a paz interior.

#### 6.5. PROMOVER O CONSUMO RESPONSÁVEL

Vivemos em uma sociedade de consumo que crescentemente produz lixo em excesso. Muito cedo as crianças aprendem a desejar objetos e a perseguir modelos estéticos de comportamento e beleza.

Nas salas de aula com que convivo tento realizar um exercício de reflexão junto aos meus alunos sobre o que necessitamos para o bem viver, será que necessitamos de tudo o que queremos ter a posse?

Frequentemente solicito às famílias que juntem todos os materiais recicláveis que dispõem em casa para nos doar e orgulhosamente cada aluno traz seu material mostra e explica aos colegas como foi adquirido, para que serviu e antes de realizarmos alguma intervenção no material brincam com os objetos destinados a reciclagem.

Percebo que na busca pela simplicidade quem ganha é a imaginação e a criatividade. Além disso, um exercício interessante junto aos educandos é a construção de hortas para a própria alimentação. Na escola que trabalho nosso pátio é pequeno e não possui áreas verdes, assim de modo alternativo busquei com a turma construir hortas e jardins suspensos que incentivaram o consumo de alimentos livres de agrotóxicos em nossas saladas e deram à todos noções de responsabilidade com plantas que dependem de nós para sobreviver e crescer.

#### 6.6. CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

A escola é um território de diversidades que exige respeito, comprometimento, onde a consciência planetária deve ser exercitada e aprendida através de valores comuns que unam os seus membros não os separando conforme etnia, religião, poder aquisitivo.

Levar a comunidade à escola por vezes é um grande desafio, mas percebo em minhas experiências que abrir as escolas em horários diversificados para cursos, palestras, aulas de dança, música tem sido um excelente recurso para aliar a vida escolar à comunitária tornando a todos pertencentes e presentes em um determinado território que possam compartilhar vivências e experiências de aprendizagem voltadas à vida.

A paz na escola depende de seus indivíduos, sociedade e natureza, paz solitária não existe. A paz entendida com estado de harmonia interior que transpassa para o exterior pode ser atingida por práticas e pensamentos que conectam pessoas e saberes formando uma rede de alianças que interligam todos os seus membros.

Aprender a viver em paz está diretamente relacionado à aprendizagem pela prática através dos exemplos que recebemos de educadores e cuidadores que temos contato ao longo da vida. A educação nesta perspectiva coloca a todos na posição de troca e compartilhamento, onde todos são possibilitados a serem professores e alunos e a buscarem conjuntamente a harmonia na vida. Descentraliza o saber do professor e o torna conectado através das relações estabelecidas.

## 6.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS, EMBORA TRANSITÓRIAS

Ao final deste trabalho tenho meu pensamento reorganizado e a compreensão de que aprender e ensinar necessita de permissão e reconhecimento, pois nos educamos através do olhar do Outro.

Minha trajetória de vida tem uma grande ligação com a professora que sou e com as expectativas e os objetivos que traço na vida profissional e afetiva.

Em minhas escritas, frequentemente, recorri à validação de autores "consagrados" academicamente para avaliar meu pensamento e hoje percebo que se defendo uma educação do Ser Humano multidimensional capaz de ser sujeito-autor também devo realizar o movimento de me reconhecer como autora.



Educar é um lindo desafio e se torna mais leve quando compartilhado com outros humanos. A educação é o meu modo de ser e estar no mundo, é como aprendo a olhar com a alma.

Com este fim de ciclo espero ter ido além das denúncias do erro e contribuído para o debate a cerca dos rumos da Educação.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna; ROSA, Miriam Suzéte de Oliveira. Cuidado Humano e Educação. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 37, no. 01, p. 11-18, jan./abr. 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; DE SOUZA, Fernando César. Diálogos Interdisciplinares em Saúde e Educação: a arte do cuidar. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 37, no. 01, p. 107-124, jan./abr. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 184 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. 3ª Ed. Porto Alegre: Edições Mundo Jovem: 1985. 3ª edição. 124 p.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. 6ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 182 p.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A educação e o sentido da vida**. Editora Cultrix, 1989. 129 p.

MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Petrópolis, 1996. 141 p.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MORAES, Maria Cândida; DE LA TORRE, Saturnino. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. 128 p.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o pensamento.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 118 p.

MOSQUERA, José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter; TIMM, Edgar Zanini. O professor e o cuidado de si: perspectivando a própria vida como uma obra de arte. Por que não? **Ciência em Movimento**, v. 22, p. 47-53, 2009.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **Abrindo espaços: educação e cultura para a paz.** Brasília, UNESCO, 2004. 108p.

POZATTI, Mauro Luiz. Educação para a Inteiraza do Ser: uma caminhada. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 37, no. 01, p. 143-159, jan./abr. 2012.

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola.** São Paulo: Moderna, 2004. 110 p.

SERRES, Michel. **Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber.** Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96 p.

VON, Cristina. **Cultura de Paz.** São Paulo: Peirópolis, 2003. 148 p.